

2

O AMBIENTE e a DEPENDÊNCIA: as marcas winnicottianas

É impossível ser original sem se apoiar sobre a tradição; diz [Winnicott]: os adultos amadurecidos levam vitalidade para o que é antigo e ortodoxo, recriando-o após destruí-lo.

(Maria Ivone A. Lins – Winnicott: A Obra Como História de Vida).

Neste capítulo percorreremos divergências entre Winnicott e Klein, especialmente quanto à preponderância do ambiental e/ou do instintual na determinação do sujeito, e entre Winnicott e S. Freud, quanto à preponderância do modelo edípico, privilegiando os movimentos do id, no modelo freudiano, contrapondo-se ao modelo winnicottiano que aborda experiências não-instintuais, relacionadas ao estabelecimento do *si-mesmo*.

A contraposição de alguns dentre os mais importantes conceitos de S. Freud, Klein e Winnicott e, ainda, especificamente de Klein opondo-se a Winnicott, é realizada porque, acreditamos, poder oferecer subsídios ao leitor para que compreenda o contexto teórico do qual o nosso autor se deslocou e, de modo tal, que se evidencie a pertinência da discussão quanto à determinação da dependência do bebê do ambiente para que o processo de amadurecimento do indivíduo possa seguir seu curso dentro da normalidade, cerne do paradigma do autor. Além disso, esse percurso se mostra útil para nós, na medida em que aponta para uma premissa presente ao longo de toda a obra dele, ou seja, a de que os distúrbios a que o processo de amadurecimento está passível podem ser prevenidos.

2.1

Encontros e desencontros: Winnicott, Klein e S. Freud

Desde as ‘Controvérsias’, houve um forte movimento no sentido de uma re colocação da teoria dos instintos no panorama psicanalítico, e do alcance teórico das postulações contidas ali. Souza esclarece este ponto

“Todas as orientações psicanalíticas vão remanejar a teoria da pulsão de alguma forma quer seja como os kleinianos (...), redefinindo a pulsão em termos mais próximos da significação (...) do que da economia energética, quer seja como os psicanalistas da relação de objeto (Balint, Fairbairn e Winnicott) e da psicologia do self (Kohut), propondo uma dimensão não-pulsional da experiência psíquica como a mais primordial para a constituição do psiquismo do que a experiência pulsional (...)” (2000, p.218).

A dimensão não-instintual da experiência, em especial na obra de Winnicott, desviou o foco das observações para o fator externo, interpessoal dual no desenvolvimento emocional do indivíduo – a relação entre o bebê e sua mãe, a importância do apoio egóico da mãe sobre o ego precário do bebê. A discussão das experiências instintuais detinham-se aos fatores intrapsíquicos indicando-os como pilar do desenvolvimento emocional humano.

As atenções voltaram-se para o domínio não-edípico, sem, no entanto, intencionar reformular a teoria clássica das neuroses, e, sim, acrescentar o estudo dos fenômenos primitivos do desenvolvimento, inclusive para poder fazer frente aos tipos de patologias que passaram a enfrentar na clínica, consideradas antes como “inanalizáveis”. Segundo Souza (2000) o que houve foi uma nova percepção quanto ao alcance da teoria dos instintos, visto como mais restrito. O enfoque não-edípico fez caminhar o interesse das relações interpessoais triangulares para as relações diádicas precoces.

Ainda aqui, discutimos o conceito de saúde em Winnicott, diferente do conceito do modelo tradicional que aborda a saúde como sinônimo de ausência de doença (psiconeurótica), relacionando-o justamente à implicações decorrentes da visada sobre a importância do ambiente na instauração do *eu*.

Segundo Winnicott (1954b), nas fases iniciais do desenvolvimento, o ambiente diz respeito aos cuidados maternos, dos quais o bebê depende inteiramente para sobreviver. Os cuidados provenientes daí vão influenciar todo o desenvolvimento futuro em termos de saúde mental.

Para ele (*idem*), não faz sentido pensar-se no indivíduo isoladamente nas etapas precoces, a não ser do ponto de vista do observador. Indivíduo e ambiente formam um conjunto indiferenciado e falar em indivíduo isoladamente (ou seja, com algum grau de diferenciação do objeto) só é possível num momento posterior do desenvolvimento e implica a idéia de ter havido uma adaptação

suficientemente boa do ambiente às necessidades do bebê no início da vida. A emergência do

si-mesmo vai ocorrer em decorrência da interação com o fator externo, o qual, nos primórdios da vida está representado no ambiente.

Winnicott desenvolveu seus preceitos sobre os sucessivos estágios de dependência nos anos sessenta. No trabalho de 1962, *Provisão para a Criança na Saúde e na Crise*, ele é definitivo quanto à importância do ambiente para o pleno amadurecimento emocional do bebê: determina que a falha no ambiente precoce redundará em desastre emocional, ao passo que tendo as necessidades satisfeitas nesses estágios o bebê desenvolverá um certo grau de integração que lhe possibilitará lidar com as falhas dali para frente. Dois anos antes, no trabalho de 1960 – *Teoria do Relacionamento Paterno Infantil*, utilizou-se de três categorias para descrever o processo do amadurecimento e estas categorias foram retomadas no texto de 1963 - *Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo* e permaneceram em definitivo, o que nos leva a crer que, para ele, estas foram consideradas categorias fundamentais para se pensar no conceito winnicottiano de dependência. São elas: a) Dependência absoluta, b) Dependência relativa e c) Rumo à independência.

Winnicott (1963a) em suas discussões sobre os estágios de dependência dá relevância às características inatas, herdadas do bebê que influenciam no desenvolvimento, incluindo aí os processos de maturação¹, bem como afirma que o ambiente facilitador (aquele que se comporta de forma a promover o crescimento) fornece a provisão necessária que conduzirá à evolução do processo de maturação: “Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial” (Winnicott, 1963a, p.81).

É neste sentido que declara (*idem ibid.*) que psicologicamente o lactente é dependente (não sobrevive sem o ambiente) e independente ao mesmo tempo (pela carga hereditária que carrega, que não pode ser alterada).

¹ É importante esclarecer que “o termo ‘processo de maturação’ se refere à evolução do ego e do self, inclui a história completa do id, dos instintos e suas vicissitudes, e das defesas do ego relativas ao instinto” (Winnicott, 1963a, p.81).

Ele foi o teórico da dependência do sujeito ao ambiente. Ao reforçarmos esta característica do pensamento do autor, queremos dizer que a dependência é considerada por ele como um fenômeno positivo, diante do qual devemos debruçar nossa reflexão.

Ao longo de seus trabalhos, parece apontar continuamente para a inter-relação hereditariedade - aspectos inatos e influências ambientais, mas é bastante evidente que o seu foco se orienta para as influências determinantes que o ambiente, devido às etapas da dependência, exerce sobre o amadurecimento emocional pessoal.

Dizer que ele foi o teórico da dependência sinaliza, a nosso ver, a relevância de se olhar com atenção para todos os fenômenos que ocorrem na vida emocional do bebê no contexto da relação primitiva mãe-bebê e, mais, que o modo como o desenvolvimento vai transcorrer será determinado pelas vicissitudes desta etapa inicial, quando o bebê não deve ser considerado independentemente. Neste sentido, Winnicott chega ao ponto de declarar que ‘um bebê sozinho não existe’ (*apud* Valler, 1990, p.156) significando que o bebê só pode ‘vir-a-ser’ (Winnicott, 1962, p.82) a partir da unidade com a mãe no estágio da dependência absoluta. É somente a partir de um ambiente que exerça sua função de ‘holding’² que o bebê poderá desenvolver-se naquilo que ele já é, ou seja, no ‘continuar-a-ser’ (Winnicott, 1960, p.53) do potencial herdado. A função do holding funciona como um contorno que junta os pedaços, que, na verdade, corresponde ao que é o bebê logo no início num estado de não-integração³.

“[O] bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com a desvantagem a sua tarefa de auto-integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante” (Winnicott, 1945a, p.224).

² O termo “é utilizado aqui não apenas para significar o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*. (...) com o fator tempo gradualmente adicionado” (Winnicott, 1960, p44).

³ A não-integração é o oposto da integração. O oposto não é a desintegração, como se poderia imaginar. Esta é, na verdade, “uma *defesa* sofisticada, uma defesa que é uma produção ativa do caos contra a não-integração na ausência de auxílio ao ego por parte da mãe, isto é contra a ansiedade inimaginável ou arcaica resultante da falta de segurança no estágio de dependência absoluta” (Winnicott, 1962, p.59-60).

Neste ponto nos interessa discutir a este respeito os pressupostos winnicottianos que estabelecem marcos que mapeiam os movimentos que o ambiente deve fazer para que se dêem as condições para o *continuar-a-ser* do bebê (1956, p.496).

A nosso ver, o ambiente para Winnicott deve se configurar na relação com o bebê com uma espécie de temporalidade (o ambiente deve fornecer o objeto no momento em que o bebê possa apreendê-lo, nem antes, nem depois, sustentando a ação no tempo, repetidamente e com continuidade), uma funcionalidade (as ações do ambiente correspondem a funções específicas, cambiantes segundo a etapa do crescimento) e uma disponibilidade peculiar (absoluta no início da vida e, gradativamente, assumindo um caráter relativo). Uma espécie de ‘ergonomia do objeto’⁴, que implica numa sintonia precisa, sintonia fina, resultado da identificação da mãe com seu bebê no estado de preocupação materna primária, permitindo que a mãe apresente ao bebê o mundo, e ela própria, no compasso dele. No momento que ele necessitar do seio, o seio estará lá, criando nele a ilusão de tê-lo criado e tornando reais as suas necessidades. Esse contexto gera o estado de onipotência, inicialmente necessário para a ‘continuidade da linha da vida’ (Valler, 1990, p.158) do bebê.

Gostaríamos de frisar a inovação que estas postulações significaram, numa época em que o universo psicanalítico europeu priorizava as formulações edipianas da psicanálise tradicional, o que implica visar todo o progresso da vida instintual, desde as fases pré-genitais até alcançar a genitalidade e inferir que no atingimento do complexo edípico, finalmente poderemos falar de um *self* estabelecido em resultado dos movimentos instintuais, ao invés de ser fruto da interação do neném com o meio ambiente, inicialmente.

Entendemos que devemos discorrer pontualmente sobre S.Freud e Klein, sobretudo pelo fato de que, foi na obra de ambos que Winnicott se baseou, e, a partir dos quais construiu suas próprias contribuições. Pudemos compreender acompanhando as controvérsias da Sociedade Britânica de Psicanálise descritas acima, uma série de implicações contidas nas novas postulações teóricas e clínicas propostas.

⁴ Filho, J. G. – Conceito da área do design - Ergonomia – “É uma ciência e uma tecnologia de projeto que objetiva a melhor adequação possível dos objetos aos seres vivos, no que se refere à segurança, ao conforto e à eficácia no uso” .

A teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, descrita por ele próprio como a ‘espinha dorsal’ de sua obra (1968, p.184) demonstra os desdobramentos das tarefas básicas que derivam na constituição do eu e no acesso aos sentidos de realidade. Foi elaborada como fruto da experiência do autor com bebês e com psicóticos.

A psicanálise freudiana, é, sobretudo, resultado do trabalho com neuróticos e se desenvolveu acompanhando a evolução da sexualidade e o estabelecimento das relações objetais a partir das etapas pré-genitais, regidas então pelo princípio do prazer rumo à fase genital no complexo de Édipo.

Dias, a este respeito menciona a terminologia utilizada por Z. Loparic (*apud* Dias, 2003, p.300, nota de rodapé 57), numa síntese dos paradigmas das duas teorias: em relação a Winnicott a expressão adequada seria – “o bebê no colo da mãe”; e quanto à psicanálise freudiana o mais indicado seria - “o bebê na cama da mãe”.

Para nós fica claro que trata-se de um deslocamento radical de foco. O interesse pela relação da mãe com o bebê representado pelo colo da mãe aponta para a precocidade do bebê e o estado de dependência em que se encontra. Aponta para o suporte (*holding*) que a mãe fornece ao bebê, o calor e o contorno com que o aconchega em seus braços, iluminando, paulatinamente para ele, os contornos da superfície do próprio corpo, o que terá como consequência futura o reconhecimento do *eu* e do *não-eu*, e, mais adiante, a instauração do *status unitário*.

O bebê no colo da mãe, imaginando-os como um desenho rascunhado numa folha de papel, inspira-nos a observar a condição em que ela se encontra, conduzindo o bebê pelo mundo, apresentando-o (o mundo) continuamente, em pequenas doses, e continuamente sendo *ela mesma* (*object presenting*)⁵, num manejo adequado que garanta a sobrevivência através dos cuidados (*handling*), para que este processo ofereça-lhe oportunidades de ser tocado naquilo que *já é*, dando-lhe um sentido de existência com base no continuar-a-ser, correspondente ao processo de construção de um verdadeiro self. Um manejo que

⁵ O *holding*, o *object presenting* e o *handling* correspondem à função materna, de modo a garantir a instauração e a continuidade do continuar-a-ser do bebê rumo à integração num estado unitário. O cuidador só pode *ser ele mesmo*, no sentido conferido por Winnicott, estando num estado de devoção espontânea, o que lhe permitirá perceber o estado do bebê e o modo e o momento correspondente para a apresentação do objeto.

na dependência absoluta corresponda ao ritmo de funcionamento do corpo do bebê, da fisiologia dele, de modo a que ele possa reconhecer no mundo os seus passos no seu compasso, como se o mundo fosse algo como um caminho que vai se avivando, que passa a existir na medida que o bebê avança passo-a-passo, imerso em seu processo criativo do viver.

Já o bebê na cama da mãe, sinaliza o processo sexual pelo qual seu desenvolvimento é perpassado, conforme postulou Freud e, em seguida Melanie Klein. Numa cama de mãe onde está um bebê pode-se supor a cópula de um casal (pai e mãe) que redundou na sua existência. Neste cenário está implícito que o neném se vê às voltas com relações triangulares, mesmo que possam, à princípio denotar uma terceira pessoa apenas como objeto interno (em Klein apontando para o Édipo precoce que ela formulou e que, precoce que era no desenvolvimento emocional, estava relacionado necessariamente ao objeto parcial). Ainda mais, o bebê na cama da mãe (utilizando o menino como modelo), sem a presença do pai num contexto de desejos incestuosos, acaba por se ver às voltas com as ansiedades que decorrem daí, do fato de querer a mãe, mulher do pai. Será necessário que o bebê encontre formas de se defender da rivalidade que a situação carrega. Em todo o quadro descrito, podemos inferir que estamos tratando de uma circunstância que envolve a participação de pessoas inteiras, pessoas totais, com um *self* capaz de se defender. Trata-se de um bebê num momento adiantado no amadurecimento emocional. E conforme a solução adotada pelo bebê, como defesa contra a ansiedade de castração resultante do embate inconsciente com o pai, se formará uma organização psíquica que responderá pelo que o 'eu' do bebê vai se tornar e, se caminhará na saúde ou na doença psiconeurótica dali para frente.

Segundo Dias (2003, p. 75), a teoria winnicottiana representa um novo paradigma na psicanálise, no sentido proposto por Thomas Kuhn⁶, porque é a

⁶ Historiador da ciência, ex-físico de Harvard, Kuhn abriu uma nova área de estudos, a saber, a sociologia das ciências, que levou ao aprofundamento do estudo da ciência através da investigação das comunidades científicas. Para ele, a ciência é descontínua, fadada a perdas e ganhos ao longo da construção de sua trajetória conceitual, metodológica e/ou prática e, embora possa tratar de algum assunto de âmbito geral, deve estudar o detalhe. Ele questiona basicamente o porquê da tendência de se considerar como científicas as áreas de estudos que apresentam progresso marcante. E, acredita que isso se deva ao fato de que a definição de ciência seja fruto da categorização por parte dos cientistas ligados à áreas de estudos voltadas para objetos passíveis de

única contribuição pós-freudiana que desloca a investigação teórico-clínica para fora do paradigma edípico da psicanálise tradicional.

Para Winnicott, Freud tratou a natureza humana com bases econômicas, assentando a psicanálise em bases biológicas, na busca de formular uma teoria. Acabou por construir preceitos apoiados na progressão das zonas erógenas. Dias destaca a passagem onde ele explicita seu ponto de vista:

“[A base econômica que Freud se pauta para lidar com a natureza humana, demonstra] (...) um determinismo implícito em todo este trabalho, a premissa de que a natureza humana pode ser examinada objetivamente e que podem ser a ela aplicadas as leis conhecidas em física” (2003, p.78).

A idéia de objetificar a vida era inteiramente estranha ao modo de Winnicott refletir, construir, postular, trabalhar. A tentativa de transformar os fenômenos psíquicos em acontecimentos quantificáveis, ou com bases quantificáveis, como chegou a ser a idéia freudiana de um aparelho (mente / psiquismo) que funcionaria a partir do seu atravessamento pela força instintual, era, para ele, inaceitável enquanto meio de explicar e compreender a natureza humana. Em outra passagem de Winnicott, Dias destaca :

“Não são as forças pulsionais em conflito que põem a vida em movimento; o bebê vive pelo fato de “estar vivo” e de haver alguém que responde satisfatoriamente a este fato; ele amadurece por ser dotado de uma tendência inata ao amadurecimento e pelo fato de haver alguém facilitando a realização desta tendência. Um psiquismo, em que coabitam fantasias, mecanismos mentais, conteúdos reprimidos etc., não é dado, mas adquirido; ele próprio é uma conquista do processo de amadurecimento”(2003, p.79).

Esta é uma idéia facilmente encontrada subrepticamente aos seus trabalhos e, mesmo que não fosse, poderíamos testemunhar sua existência através da carta de Winnicott a Roger Money-Kirle, de 27 de novembro de 1952. Nesta

maior controle e, portanto, maior progresso aparentemente, por exemplo, as ciências naturais em oposição às sociais e às humanas.

Descreve, entre outros, o “período revolucionário” da evolução de uma ciência como aquele em que os princípios fundamentais de uma disciplina são questionados e repetem-se as dúvidas sobre a própria possibilidade de progresso contínuo, caso um ou outro dos paradigmas alheios sejam adotados. Esta etapa relaciona-se ao que se conhece como ‘anomalia’, quer dizer, os aspectos de um determinado aparelho conceitual que não se encaixam aos fatos. As anomalias geram duas possibilidades para as ciências: crise ou revolução, neste caso, quando se empreende esforços para que haja mudança de paradigma, na tentativa de responder aos problemas antigos e aos novos.

passagem, ele comenta que era uma pena que Melanie Klein tivesse se esforçado tanto para adaptar suas formulações a idéia de instinto de vida e de morte. Acrescenta ainda, que “estes são, possivelmente, o único erro de Freud” (Winnicott, 1987, p.37). Para ele, Freud se utilizou do conceito do instinto como forma teórica de solucionar a dicotomia mente/corpo nos primórdios da vida e a complexidade crescente na inter-relação de ambos. Winnicott era um teórico romântico, e, não, um teórico do conflito. Em outras palavras: para ele o sujeito é instaurado, não pelo conflito de forças, e, sim, pela criatividade primária. “O bebê vive pelo fato de estar vivo” parece-nos indicar exatamente o processo criativo a partir do qual ingressa na vida emocional, rabiscando um mundo, inicialmente, fruto de sua própria criação subjetiva, a partir de um núcleo pessoal inato, sob cuidados reais externos.

A citação mencionada acima, aponta para a necessidade de alguém responder de modo adequado ao fato do bebê estar vivo, alguém que (cor)responda e dê sentido, deste modo, ao gesto criativo, assinalando mais uma vez, o quanto a dependência do ambiente é absolutamente fundamental para a manutenção da vida humana, na obra do autor. E quando discute a constituição do psiquismo neste contexto, falando que o psiquismo não é dado mas adquirido, aponta para a importância de se focar o fator externo no modo como ocorre este fenômeno. Nos sugere uma clara referência da importância de nos debruçarmos sobre os fenômenos precoces da relação mãe-bebê e no papel da mãe como suporte egóico.

Winnicott considerava que o processo do amadurecimento pessoal redundante da tendência inata do ser humano à integração não pode ser explicado pelo viés biológico ou físico. Ele era avesso ao espírito corrente de transpor modelos da biologia para buscar explicações do universo psíquico. Na mesma carta de 1952 (*idem*, p.36) menciona que não vê nenhuma utilidade na transposição realizada por Freud, quanto a tendência do organismo a retornar ao estado inorgânico, para a dinâmica psicológica. E, continua ele, é uma tentativa de encaixar o conceito de instinto de morte e, provavelmente, nem é verdade esta afirmação. Do mesmo modo, em Preocupação Materna Primária (1956, p.399-400) menciona Mahler e a expressão utilizada por ela – “simbiose”, e Anna Freud com a respectiva “equilíbrio homeostático”, para concluir que estas são

expressões trazidas da biologia, e que o estudo da natureza da relação da mãe com seu bebê deve ser levado a cabo num contexto próprio, fora do biológico.

Em sua experiência com bebês e com psicóticos criou condições que levaram ao estabelecimento de novos padrões na concepção de saúde e doença. A importância desta visada consiste em explicitarmos os novos problemas oriundos do novo campo cultivado por Winnicott, e, a partir dele, derivados.

No solo da problemática freudiana, o psiquismo é um aparelho constituído por forças instintuais (representantes psíquicos de forças físicas), que travam lutas que põem a máquina em funcionamento. O conceito da física de força é, portanto, fundamental para a compreensão dos fenômenos psíquicos. O funcionamento mental é reconhecido a partir de um paralelismo com a máquina. Neste contexto, a doença é entendida como um distúrbio do funcionamento de forças. Conforme Dias (2003, p.79) esclarece, mesmo sendo dito que aquele aparelho é psíquico, ele é situado lado a lado com os objetos das ciências físicas. E, segundo ela, a concepção de saúde não pode deixar de estar atrelada a explicações metapsicológicas, que são ilustradas nas relações de forças entre as instâncias do aparelho (id, ego e superego). Nesse sentido, nos alerta, percebemos que a teoria sobrepuja a vivência, a experiência concreta, e delinea uma tendência a se priorizar aquilo que se pensa, uma forma especulativa de formulação, sobre o que se manifesta, aquilo que é descritível. Neste universo torna-se possível construir proposições teóricas com bases muito distintas – físicas, biológicas - daquelas que, segundo Winnicott (1954-67), se relacionam com o processo do amadurecimento que ele observou nos bebês e psicóticos, ou seja, a natureza humana caracterizada pela capacidade unicamente humana de elaborar imaginativamente as funções corpóreas e a capacidade de existir. Não se trata de dizer que, para Winnicott o aspecto psíquico humano não seja perpassado pelos aspectos biológicos, mas apenas que, para ele, as categorias que regem o físico não correspondem às que regem o funcionamento da psique. Contudo, faz parte intrínseca de suas postulações teóricas a idéia de que a base da psique é o soma, o qual foi o primeiro a chegar em termos da evolução, ou que o amadurecimento saudável depende, antes de mais nada, do crescimento físico e das transformações funcionais dos órgãos como fruto da passagem do tempo (Winnicott, 1954-67,p. 69), ou que o cérebro é a condição para o funcionamento psíquico. O seu foco se

dirige para a evolução emocional na vida inicial, a qual, sob o seu olhar, está muito mais relacionada ao desenvolvimento do ego do que do id (da vida instintiva). Conforme Valler define

“Somente sob a condição de adaptação às necessidades do ego é que os impulsos do *id*, quer sejam satisfeitos ou frustrados “se tornam experiência para o indivíduo”. Não é a satisfação pulsional que possibilita ao bebê ter um *self* e sentir-se real. Dessa forma a questão do significado da experiência pulsional (o ego) recebe de Winnicott maior consideração que o conceito de gratificação pulsional(*id*)” (1990, p.158).

Podemos verificar aí as bases que levarão aos preceitos winnicottianos que redundaram em mudança de paradigma na psicanálise – o deslocamento do conflito edípico, tido como ápice do desenvolvimento instintual, para os fenômenos emocionais iniciais submetidos à dependência dos cuidados maternos/ambiente.

Estas formulações são desdobradas em *Natureza Humana* (Winnicott, 1954/67, p.37). Para Winnicott, o instinto⁷ humano pode ser comparado ao instinto animal, porém, o ser humano tem como especificidade de sua natureza o trabalho da elaboração imaginativa das funções corpóreas.

A idéia de elaboração imaginativa das funções corpóreas em Winnicott é a base para o desenvolvimento da psique. “(...) [a qual] se desenvolve a partir do material produzido pela elaboração imaginativa”(Winnicott, 1954-67, p.69) “de partes, sentimentos e funções somáticas”(Winnicott *apud*. Valler, 1990, p.161) A elaboração imaginativa, organizada em fantasias, tende a ocorrer relacionada ao modo de funcionamento segundo o instinto dominante em cada etapa. Consideremos que à excitação instintiva corresponde o envolvimento mais específico de alguma função corporal, e que, do modo de funcionamento particular da(s) zona(s) envolvida(s) derivam as fantasias: seio/boca - sugar – erotismo; morder – sadismo; esfíncteres - controlar, defecar – idem, e, assim por

⁷ Em *Natureza Humana* (1954-67) Winnicott estabelece uma definição sobre o instinto: “(...) é o termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. A excitação do instinto leva a criança, assim como a qualquer animal, a preparar-se para a satisfação (...) [que deve ser encontrada no momento de maior exigência instintual para gerar prazer e alívio temporário, caso contrário, sendo] incompleta ou mal sincronizada, acarreta alívio incompleto, desconforto, e a ausência de um período de descanso muito necessário entre duas ondas de exigência” (p.57-8).

diante, até o alcance das fantasias genitais, indicando a progressão que sofrem os instintos. É através da elaboração imaginativa que a psiquê se apoia no funcionamento corporal, permitindo que no futuro o neném desenvolva a noção de habitar o próprio corpo (Valler, 1990, p.162).

Winnicott afastou-se ainda da psicanálise clássica, porque, para ele a neurose denota um grau de saúde. Explica-se: Dias (2003, p.81-2) esclarece este ponto destacando que, partindo-se da obra de Winnicott, uma criança para atingir o tipo de conflito neurótico já teve que ultrapassar satisfatoriamente várias etapas anteriores, nas quais se sedimentam as bases da saúde emocional. E para Freud, a teoria das neuroses poderia servir para a exploração e compreensão de todos os distúrbios psíquicos e, inclusive, do desenvolvimento normal infantil. Esta proposição é inteiramente adversa ao solo de pensamento winnicottiano, posto que, neste campo, se a criança atingir aquele tipo de conflito, significa que adquiriu certo grau de unidade e de capacidade de diferenciar eu / não-eu, ou seja, que os alicerces da personalidade foram constituídos. Vejamos, nas palavras de Dias,

“A história, para a psicanálise tradicional, é a do desenvolvimento das funções sexuais, tendo como enredo básico o complexo de Édipo. Para Winnicott, contudo, há uma pré-história na qual o pequeno indivíduo, que já é um ser humano passível de ser afetado pelo ambiente, ainda não chegou a si; o bebê está apenas iniciando o processo de amadurecimento que leva à integração num eu unitário e, se o processo falhar, pode ocorrer de esse bebê jamais chegar a ter um eu com uma história para contar”(2003, p.82).

Isso quer dizer que para se chegar a um ‘eu’ com unidade integrada a ponto de ter tido, por tempo suficiente, a oportunidade de continuar-a-ser e, assim, acumular experiências de modo a formar uma história de si, uma memória, ou melhor, formar um “self” capaz de ter experiências que a memória pessoal permitirá organizar numa história, são necessários diversos processos de outra ordem, que não a da sexualidade. Processos relacionados ao modo do ambiente se comportar na dependência, representado nos cuidados reais maternos que redundarão, se bem sucedidos, na integração gradual do bebê num tempo e num espaço.

Se analisarmos estas considerações poderemos perceber que a concepção de saúde e doença, na teoria clássica, utiliza-se da referência da dinâmica psíquica edípica. Neste caso, doença é equivalente a defesas rígidas erigidas contra a tensão instintual advinda da ansiedade de castração. Novamente, segundo Winnicott (1967a, p.137), esta concepção só pode ser válida na organização neurótica e em que o processo de integração pôde ser levado a efeito. Na versão winnicottiana, todo o conflito derivado da tensão instintual inerente ao relacionamento interpessoal característico das relações triangulares não encontra nenhum eco na organização psicótica (*idem*). O psicótico não chega a ser atingido por esta problemática. O que levará o bebê a poder começar a *ser* é, na verdade, a estruturação do *eu* atingindo a capacidade para experiências totais. Conforme diz Winnicott: “É o *eu (self)* que tem de preceder o uso do instinto pelo *eu (self)*” (*idem, ibidem*). As defesas, neste contexto, se referem à ansiedade de aniquilamento do próprio *ego*, ainda incipiente, em formação. A saúde advém do sucesso no uso destas defesas contra esta ansiedade primitiva. A saúde decorre da sobrevivência do *ego* mediante a ansiedade de aniquilamento.

“a estruturação do ego que gera a ansiedade da tensão instintiva ou da perda de objeto. A ansiedade nesse estágio não é ansiedade de castração ou de separação; ela se relaciona com outras coisas, e é, na verdade, ansiedade quanto a aniquilamento”.(1960, p.42)

Com relação a isso, Winnicott paga tributo à Melanie Klein, a partir da teoria de quem, a psicanálise pôde chegar a ter alcance quanto aos mecanismos de defesa e angústias primitivas.

Na obra do autor (Winnicott, 1967, p.21) é necessário, na avaliação do que é saúde, considerar-se a psicologia do ego. Ele alerta para o fato de que não se pode pensar a saúde em termos individuais nesse período porque ainda não há indivíduo.

Ao conduzir o processo de teorização que levou ao deslocamento de paradigmas, Winnicott tornou claro que nos doentes psicóticos não cabe discutir rigidez de defesa, porque aí, ocorre outro tipo de situação: não chegou-se a estabelecer um ego, ou seja, houve uma falha que impede a formação de defesas egóicas. As psicoses funcionam de tal maneira que impedem a fluidez do processo de amadurecimento, paralisam o processo de integração. Em Winnicott,

para que a sexualidade possa encontrar lugar, é necessário que um indivíduo já tenha se estabelecido. Deste modo, tornou-se impossível continuar a ter como principal referência sobre o processo de constituição do indivíduo, a teoria do desenvolvimento das funções sexuais.

Deste prisma percebemos que é uma simplificação grosseira pensar o conceito de saúde como o negativo da doença, pois, assim, saúde se torna aquilo que é defesa contra doença. Como Dias sintetiza a saúde é vista, então, como “sintomática, construída defensivamente”. Isso é verdade, mesmo para Winnicott (*apud* Dias, 2003, p.85), porém “(...) a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida”.

A vida inclui fenômenos não instintuais que podem ser observados no brincar. Winnicott fala do viver criativo. O viver criativo mostra-se no advento do brincar, e a saúde inclui o evento da capacidade de brincar. O viver criativo é um fenômeno positivo que abarca uma série de aquisições do processo do amadurecimento, abarca uma capacidade flexível de transitar na região intermediária, nem externa, nem interna, algo a meio passo de cada direção, mas que inclui ambas experiências. Refere-se a um modo suficientemente bom de mãe e bebê interrelacionarem-se, inicialmente de modo subjetivo, em estado de dependência absoluta, até a aquisição da capacidade de lidar com o mundo objetivo, com os alicerces da personalidade estabelecidos de modo a haver interação entre o eu e não-eu, sem necessidade de supressão de um ou outro. Percebemos que o autor fala da constituição do indivíduo relacionada ao viver criativo, indo para além do enfoque da teoria do desenvolvimento das funções sexuais como base para a compreensão da constituição do indivíduo.

2.2

D. Winnicott e M. Klein: fator real ou instintual?

Winnicott, com seu modo informal de se dirigir às suas platéias, o seu estilo coloquial de tratar diversas noções que abordou em seu trabalho, nos dá a impressão de estarmos lidando com temas simples, corriqueiros. No entanto, sabemos hoje o quão originais são muitas de suas contribuições teóricas e/ou clínicas. Ele próprio não usava declarar abertamente o fator inovador de suas

postulações, conforme elucida Dias, fosse por razões políticas ou pela imaturidade de algumas noções desenvolvidas por ele. Segundo diz, investigando retrospectivamente a totalidade da obra de Winnicott, percebe-se que, somente após a morte de Klein, em 1960, ele passou a expor abertamente a autonomia que seu pensamento adquirira, e, que, na verdade, já se podia observar desde os trabalhos da década de 40 (2003, p.18).

Para Melanie Klein, o ego já existia desde o nascimento, primitivo, imaturo e, com esta suposição, ela podia sustentar teoricamente a precocidade das funções psíquicas. Do ponto de vista clínico, esta suposição também a auxiliava na compreensão da técnica do brincar (Golse, 1998, p.64). Segundo suas observações, o ego da criança utilizava os brinquedos como um espelho que retratava o que se passava no mundo interno dela. Em outras palavras, compreendemos que se predominassem internamente os impulsos orais, os objetos eram tratados como se manifestassem traços orais: objetos que devoram, mordem, despedaçam, etc., e, assim seria durante todo o desenvolvimento, a brincadeira transcorria segundo a égide da posição ocupada pelo ego e das fantasias e defesas correspondentes em questão. Neste sentido, a criança se utilizava do brincar como um modo simbólico de traduzir suas fantasias, seus desejos e experiências vividas. Em Melanie Klein, a realidade será apreendida conforme haja dominância do instinto de morte (objeto mau) ou do instinto de vida (objeto bom).

Esta perspectiva é sustentada pela noção de fantasia inconsciente. As fantasias, para os kleinianos, são constitucionais, são o conteúdo primário de todos os processos mentais e são os representantes psíquicos do instinto de vida e de morte.

A efetividade dos cuidados do ambiente tem pouca influência na *força* do instinto de morte sobre o objeto. A causa primária da aniquilação tem origem interna no instinto de morte. Mas, por outro lado, o fator externo lhe é caro, na medida, em que o carinho, o amor, os cuidados do objeto são importantes porque a qualidade das trocas afetivas entre mãe-bebê/ sujeito-objeto interferirão na construção das fantasias sobre o objeto, portanto terão influência no *efeito* do instinto de morte sobre o objeto e, conseqüentemente, sobre o mundo interno.

Segundo Petot (1988, p.39), o bebê pode lidar com sua ambivalência com relação ao objeto tanto melhor, quanto mais prazerosa seja sua relação com os

objetos externos. É através da introjeção de experiências positivas que o ego do bebê se fortalecerá, e poderá combater a prevalência da destrutividade sobre o objeto, na medida da privação imposta por este (“a mãe ausente não desaparece, torna-se uma mãe má”). Deste modo, a criança se capacitará a manejar e superar a depressão e o luto pela perda do objeto.

Entendemos, a partir das colocações desse autor que, para ele, na teoria kleiniana os cuidados do ambiente são efetivos, na medida em que sirvam como moderadores das ansiedades do bebê perante o ataque advindo do instinto de morte ao objeto bom. A organização psíquica parece ilustrar basicamente a busca e obtenção de um equilíbrio entre os instintos. Mas, queremos destacar, a visada é para os conflitos instintuais, é uma teoria instintual da ambivalência, do conflito. Este é um dos principais, senão o principal, ponto de divergência entre Klein e Winnicott, na teoria de quem a instauração da ambivalência é fruto do amadurecimento do ego, e, não, da função instintual.

Em Winnicott o comportamento do ambiente real é decisivo. É a partir da dependência do neném dos cuidados maternos oferecidos que o potencial herdado inato (núcleo do self) encontrará meios para se desenvolver e manter-se. É o suporte egóico da mãe suficientemente boa que servirá no início da vida como uma tala de sustentação para o ego precário do bebê. Percebemos aqui que para Winnicott a constituição do eu está condicionada a um fator externo, ambiental, enquanto que, em Klein, o processo de crescimento vê-se primitivamente sujeito a um fator constitucional.

É somente na articulação com o meio materno que será possível originar-se um self. Somente nesta articulação o objeto subjetivo⁸ poderá ser criado e mantido, em compasso com a aptidão da mãe devotada comum em promover a experiência de ilusão⁹. O ambiente, quando facilitador, promoverá o andamento

⁸ O objeto subjetivo representa na teoria winnicottiana o funcionamento psíquico inicial do bebê, que interage com o mundo de um modo peculiar, experimentando-o como criação própria, subjetiva. Na medida em que o processo de amadurecimento vai se desdobrando na normalidade do bebê, gradativamente, passa a se diferenciar do ambiente, tomar consciência da dependência e se relacionar com objetos objetivamente percebidos, ou seja, perceber que o objeto é externo a ele e lidar com suas características reais.

⁹ É através da proteção pela vivência da ilusão pelo bebê de que a realidade só existe quando a percepção dele a ilumina, que o ego frágil, precoce, poderá viver os momentos de tranquilidade e de continuar-a-ser, que redundarão num amadurecimento saudável.

da tendência inata à integração. Somente neste contexto se poderá pensar na possibilidade de organização psíquica do bebê.

Gradualmente, no desenvolvimento normal sob os efeitos do ambiente suficientemente bom, o bebê vai se tornando apto a lidar com o objeto total / não-eu (objetivamente percebido). Ou seja, pouco a pouco, se tornará capaz de funcionar sob a égide do princípio da realidade.

“pedaços da técnica do cuidar, de rostos vistos e sons ouvidos e cheiros cheirados são (...) gradualmente reunidos e transformados num único ser, que será chamado mãe” (Winnicott, 1945, p.224).

As experiências instintivas também virão a contribuir para os desdobramentos da tendência a integrar-se do bebê, mas somente na medida em que encenarem suas exigências sob um pano de fundo já com um mínimo de organização. Neste sentido é que Winnicott declara que só há id a partir do ego (Winnicott, 1963, p.55). No contexto winnicottiano, a idéia de organização psíquica parece-nos ilustrar a composição de um palco, no qual, se suficientemente bem estabelecido, testemunhará a encenação das lutas instintuais sem ser aniquilado por isto. Mais ainda, um palco a partir do qual o bebê obterá as ferramentas básicas que o capacitarão a server prazerosamente a trama da vida.

Num contexto de ambiente insuficientemente bom o processo de integração não encontra os meios para o seu desdobramento e permanece parcial. O ego não pode desenvolver-se satisfatoriamente e se defende através do mecanismo da dissociação (clivagem – Roudinesco, 1944, p.121). As ansiedades experimentadas se originam do medo de aniquilação. Neste caso a falha ambiental, devido à dependência absoluta do bebê, acarretará numa distorção no self do indivíduo.

Para o nosso autor, o potencial herdado pode não se desdobrar em uma criança, caso as falhas do ambiente sejam contínuas e muito precoces.

Segundo Dias (2003, p.86) são duas as objeções principais de Winnicott a Melanie Klein: a primeira refere-se ao uso das intensidades instintuais determinando aspectos fundamentais da natureza humana. A segunda objeção diz respeito ao peso dado ao desenvolvimento emocional primitivo em termos

intrapésquicos, e, do ponto de vista de Dias, sem considerar o ambiente externo. Vejamos nas palavras dela

“(...) enquanto Winnicott preocupava-se com a descrição das necessidades pessoais do lactente e dos vários tipos de fracasso ambiental na resposta a essas necessidades, Melanie Klein continuava a descrever os mecanismos mentais primitivos do bebê e a configurar os conflitos internos e fantasmáticos do psiquismo, num total desprezo pela realidade externa” (Winnicott *apud* Dias, 2003, p.87).

Ambas objeções apontam para a lógica filogenética da teoria kleiniana. Para Winnicott o bebê, desde o início – que pode até ser antes do nascimento, é capaz de experiências, as quais estão atreladas à qualidade do encontro com o ambiente facilitador. Se um bebê se mostra difícil de algum modo já ao nascer, duas linhas de pensamento figuram-se possíveis no contexto agora avaliado: os pesquisadores que não consideram o ambiente só têm a opção de compreender este fato como fruto de aspectos constitucionais. Ao contrário, se o ambiente é levado em conta, pode-se supor a existência de um ser humano capaz de experiências intra-uterinas ou durante o nascimento, ou imediatamente após o mesmo, que tivessem o efeito de interromper a continuidade do ser e o estado de espírito assustado do bebê deve-se às reações contra estas interrupções. A paranóia precoce pode perfeitamente ser explicada pelo fator ambiental. Em Winnicott, o que pertence ao indivíduo é aquilo de que se utiliza como experiência. Caso contrário, permanecerá externo a ele (Dias, 2003, p.305).

O peso dado aos fatores constitucionais parece a Winnicott um meio de simplificar questões muito complexas sobre a relação do bebê com o ambiente nas etapas iniciais do amadurecimento. A este respeito Dias (2003, p.87) salienta, por exemplo, as postulações kleinianas sobre a posição esquizo-paranóide em articulação com a agressividade atrelada ao instinto de morte e a idéia da inveja inata. Ela destaca que a partir daí, tornaram-se evidentes para Winnicott, as diferenças entre o seu quadro teórico e o de Klein. Mesmo com relação à posição depressiva, que Winnicott considerava como sendo a contribuição mais importante de Melanie Klein, acabou por não haver consenso entre os dois autores, especialmente, por causa da enorme diferença nas concepções de ambos sobre a agressividade. Dentre as implicações da diferença de enfoque entre os dois autores, temos que contrariamente a Melanie Klein, Winnicott não considerava a

agressividade como fruto do instinto de morte, inato na teoria kleiniana. A agressividade para ele consistia num “amor sem cólera”, sem vinculação à frustração instintual. Winnicott não era um teórico do conflito, conforme dissemos. Para ele a agressividade nos primórdios da vida da criança é expressão do impulso amoroso, e é precedida pela motilidade. A tendência da progressão da agressividade na normalidade é se fundir com a vida instintual e com o padrão dos relacionamentos do indivíduo e promover atos relacionados à sobrevivência, por exemplo, o ato de agarrar com as mãos, o ato de sugar, precursor do morder. Já a destrutividade surge no desenvolvimento anormal num ambiente insuficientemente bom, em decorrência da porção de agressividade que não se fundiu à vida erótica e permanece pulsando sem, no entanto, denotar sentido para a criança (Winnicott, 1958c, 17). Diz Winnicott

“(...)levam à destrutividade na relação com objetos [ou ainda] constituem as bases de uma atividade inteiramente sem sentido. (...) É possível que esta agressão não-fundida se manifeste nas formas de uma expectativa ou de um ataque. (...) Tal distúrbio, obviamente, pode apresentar traços de paranóia”(idem, ibidem).

Compreendemos que na teoria de Winnicott, a destrutividade constitui a ruptura do *ser*. Para este autor, o potencial agressivo depende de fatores inatos e também, do ambiente, que pode falhar gravemente desde os primeiros momentos da vida de um bebê, quando sua única defesa é reagir e (inter)romper seu próprio movimento de existir.

Melanie Klein destaca o instinto de morte inato de uma tal forma, que revela que em suas construções teóricas o movimento tanático é que põe o psiquismo em andamento. A trama processual da subjetividade é tecida a partir da destrutividade.

Winnicott fez clara a diferença, inclusive, modificando a terminologia utilizada. Para ele, a posição depressiva era particularmente atraente por apontar para fenômenos do processo de amadurecimento normal, por tratar-se de uma formulação relacionada à saúde. Deste modo, preferiu inseri-la no que denominou estágio da “capacidade de se preocupar” (*concern*)¹⁰.

¹⁰ Desenvolveremos o tema a respeito do estágio da capacidade de se preocupar” no terceiro capítulo.

É condição básica para o sucesso deste empreendimento, que tenha havido a desilusão, promovida pela desadaptação gradual da mãe às necessidades do bebê. E, do mesmo modo, para que se atinja esta etapa do amadurecimento é pressuposta uma fase anterior de adaptação da mãe e de reforço à ilusão da onipotência do bebê. A desilusão só poderá ocorrer se precedida pela ilusão.

Disso podemos apreender que, para Winnicott, o amadurecimento pessoal está condicionado ao comportamento do ambiente facilitador, o qual deverá comportar-se de modo diferente a cada estágio para poder manter seu caráter facilitador. Inicialmente deverá adaptar-se de modo absoluto às necessidades do neném, num movimento crescente de desadaptação gradual, passando pela dependência relativa, rumo à independência.

A dinâmica triangular do complexo de Édipo, conforme elaborada por Klein, é outro fator de discórdia definitiva. Tal dinâmica não pode ser atribuída ao funcionamento de um bebê, que, inicialmente, não estabelece nem uma relação dual com a mãe. No início, mãe e bebê formam uma unidade (Dias, 2003, p.303). Além disso, não se pode postular uma vida de objetos internos bons e maus agindo na dinâmica interna do bebê, não se pode considerar que o bebê esteja às voltas com tais questões de ordem intrapsíquica. No início, de um modo muito peculiar, o processo é interpessoal, se atentarmos para a dependência absoluta que o bebê tem do ambiente.

Winnicott na medida em que pode se distanciar destas postulações e se afirmar na sua experiência com mães e bebês construiu todo um arcabouço teórico original, baseado na criatividade, onde a agressividade era tida como possibilidade de construção/ reconstrução do objeto e estruturação do *eu (self)*. À título de ilustração do que acabamos de dizer - sobre a agressividade ele diz

“(...) a agressividade é reativa ou inata? Ele afirma que: 1) é inata; 2) nada tem a ver com o ódio; 3) é parte do amor primitivo, que devora (e assim destrói); 4) tem como consequência (se não há retaliação) destruir o objeto subjetivo e perceber, no objeto do mundo externo, algo dotado de vida própria que, afinal, pode ser utilizado (...)” (Winnicott, 1954-67, p.81).

Portanto, a agressividade e, não a destrutividade, é parte integrante do processo que levará à aquisição do sentido de realidade e da externalidade e da noção de um mundo interno.

2.3

O Ambiente Facilitador

Um dos principais alvos de interesse teórico-clínico para Winnicott foi o estudo do desenvolvimento emocional do bebê percorrendo as transformações que ocorrem na área de experiência intermediária, entre o objeto subjetivo, fruto da onipotência do bebê, até o objeto objetivamente percebido, atravessado pela realidade. Desde a ‘dependência absoluta’ do ambiente, passando pela ‘dependência relativa’ até atingir o estágio ‘rumo à independência’.

O crescimento aqui está relacionado com a possibilidade do bebê vir a se relacionar com o objeto e com o mundo externo, através do princípio da realidade.

Seu interesse recaía, particularmente, na área de experiências não-instintuais promovidas na relação mãe-bebê através do que ele próprio chamou de ambiente facilitador, pressuposto de todo o processo de amadurecimento normal. Apesar de ter escrito, conforme nos lembra Clare Winnicott “sobre uma ampla gama de tópicos, a sua principal contribuição mostra-se no estudo dos relacionamentos iniciais (...)” (1994, p.02).

E, nos esclarece Winnicott

“[investigar] o crescimento em termos da dependência, mudando gradualmente no sentido da independência [não significa desacordo com a conceituação que] nos iniciou em nosso pensamento e na estrutura da teoria pela qual nos orientamos [e que fala] (...) sobre o crescimento em termos de zonas erógenas ou de relações objetais” (1963a, p.79).

Entendemos com isso que Winnicott não está privilegiando a discussão freudiana e/ou kleiniana em termos do desenvolvimento instintual ou de relações objetais (tomando o objeto como instintual) e, sim, valorizando o desenvolvimento do ego na interação com o ambiente nesta etapa de dependência em que lactente-cuidado materno formam uma unidade. Em Winnicott (1960, p.39-42) o estágio inicial de dependência do bebê dos cuidados maternos é ponto primordial para a compreensão do desenvolvimento emocional.

Aqui a vida instintual só pode vir a se agregar e/ou contribuir para o desenvolvimento emocional do bebê a partir de uma unificação do ego. Entendemos que Winnicott quer chamar nossa atenção para fenômenos que

ocorrem desde os primeiros momentos após o nascimento, a partir dos quais se estabelecerão, se bem sucedidos, as fundações que servirão de base para a construção posterior do edifício emocional. Podemos dizer que, no universo winnicottiano, o amadurecimento emocional do indivíduo será posto em andamento a partir de uma relação egóica que venha a se estabelecer através dos cuidados corporais pelo objeto suficientemente bom – a mãe identificada sensivelmente com seu bebê, personificando o ambiente facilitador que, conforme mencionado, deve compreender a capacidade de sustentação (*holding*), de manejo ativo do bebê (*handling*) e de apresentação contínua do objeto (*object - presenting*). Nestes elementos Winnicott concentrou os princípios básicos reguladores do estabelecimento da saúde no processo do desenvolvimento emocional primitivo.

Ao final desta capítulo podemos, então, pensar que, se para Winnicott o ambiente é determinante no processo do amadurecimento pessoal, ele constitui um aspecto real e definitivo para a constituição do *eu*, nada mais lógico do que a importância do estudo da dependência e da prática da Intervenção Precoce na relação mãe-bebê, para auxiliar no âmbito da prevenção, em casos de tendência e/ou estabelecimento de padrões patológicos naquele processo. Ou ainda, justamente a dependência sinaliza este processo onde o sujeito e o meio não se distinguem, sendo tão intrinsecamente ligados que inicialmente podem se dizer *um*, e delinear uma “relação” absolutizada. Mas aqui também podemos pensar no paradoxo da importância do ambiente, já que ao mesmo tempo que para Winnicott é decisivo, não deve “atrapalhar” o processo de amadurecimento inerente ao potencial herdado. Será, pois, sobre o processo do amadurecimento pessoal que nos deteremos no próximo capítulo.